

Bologna: o vento soprando na vela colorida de vermelho

Bologna: the wind blowing on the red colored sail

Bruno Ribeiro, Myrna de Arruda Nascimento

Centro Universitário Senac

Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo

{brunoribeirocosta@hotmail.com, myrna.anascimento@sp.senac.br}

Resumo. O artigo aqui apresentado se desenvolve a partir da análise da percepção sensorial de um pedestre projetada na cidade de Bologna. Trata-se da leitura de um aluno de arquitetura em condição de intercâmbio cultural, que anda pela cidade e observa, entre outras coisas, a relação dos espaços formados pelo tecido urbano com as pessoas que deles fazem uso. A interação dos espaços é exposta no texto organizado como Trabalho de Conclusão de Curso através de imagens e palavras que representam esses lugares e os eventos que neles ocorreram, buscando apresentar ao leitor a imagem da cidade formada pelo aluno e, ao mesmo tempo, sugerindo que este leitor possa construir sua própria percepção de Bologna.

Palavras-chave: Bologna, percepção, arquitetura, cidade, semiótica.

Abstract. *This article develops a pedestrian sensory perception designed for the city of Bologna. It reveals the reading of a student of architecture during a cultural exchange experience that goes through the city and make notes and reflections about the relationship of the spaces inside the urban grid with the people who use them. The interaction of spaces is exposed in the organized text that configures the Final Work of the Architecture and Urbanism Course through images and words that represent these places and events occurred in them. By this strategy, the author seeks to present to the reader the city image designed by him and, at the same time, suggests to the same reader to build up his own perception of Bologna.*

Key words: *Bologna, perception, architecture, city, semiotics.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística.

Edição Temática: Comunicação, Arquitetura e Design

Vol. 5 no 1 – Maio de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac.

ISSN 2179-474X

© 2015 todos os direitos reservados - reprodução total ou parcial permitida, desde que citada a fonte.

Portal Revista Iniciação: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: revistaic@sp.senac.br

1. Introdução

A maioria das análises dos espaços da cidade e dos fatos urbanos presentes neste artigo foi baseada em experiências vivenciadas durante a participação deste autor, estudante de Arquitetura e Urbanismo, em condição de intercâmbio. Muitos dos relatos são percepções sensíveis a partir do olhar de um pedestre, que visitou e usufruiu de todas as maneiras cidades e lugares conhecidos a partir de Bologna, cidade onde aconteceram a maioria dessas experiências, e que é a grande responsável pela opção pela forma de se conduzir a pesquisa a seguir, que sustenta o argumento do Trabalho de Conclusão de Curso sobre o qual versa este artigo.

Também grande parte do aprendizado processado durante o período entre 14 agosto de 2013 a 1 de agosto de 2014 não aconteceu integralmente em uma sala de aula da UNIBO (Universidade de Bologna), mas se deu nas vias desta cidade que mudou minha percepção sensorial enquanto eu caminhava.

Bologna não espera, ela acontece.

Enquanto se planejava escrever sobre esse assunto, aconteceram centenas de eventos na cidade que não irão se repetir mais. É sobre eles, e a partir deles que este artigo será desenvolvido.

2. Os pontos A,B,C e D: uma maneira de caminhar pela cidade

Este artigo, tem como principal finalidade revelar a cidade de Bologna. Adotando como tema a projeção, (através do uso de imagens e palavras), da cidade de Bologna, pretende-se com a concepção deste "volume" traduzir a leitura processada sobre este espaço urbano, feita por um estudante de arquitetura, a partir de sua vivência e das experiências que marcaram seu convívio de um ano neste lugar.

O entendimento do mesmo varia de acordo com a percepção do leitor, pois muitas das vezes o autor registra fatos individuais vivenciados por ele próprio, e os apresenta ao leitor de forma "subjativa". Porém a idéia é compartilhar com o leitor desta oportunidade de descoberta pessoal, portanto, o trabalho pretende sugerir que o leitor "entre na cidade" de forma voluntária e possa experimentar percepções e tomar decisões próprias sobre os significados do lugar, movido pelos dados fornecido por meio das experiências descritas pelo autor.

Ao considerar esta hipótese, observamos que em A República (Livro VII) de Platão, o filósofo grego escreveu o tão conhecido "mito da caverna", onde conta a história de prisioneiros que vivem na escuridão desde seu nascimento em uma caverna, e ficam por todo tempo olhando para uma parede, onde são projetadas sombras do meio externo. Até que um dia, um dos prisioneiros sai desta "cela" e descobre a realidade. Uma possível interpretação da metáfora sugerida neste relato é que apenas sabemos o que vemos, e aquilo que podemos sentir.

Somos receptores de informações e processamos os dados fornecidos por uma fonte externa, porém, cada indivíduo processa essas informações de uma maneira diferente. Ao andar por cidades, nos deparamos com vários fatores que podem modificar o nosso rumo final, ou de como chegamos a ele. Por exemplo, em um cenário hipotético (fig.1), uma pessoa sai do ponto A com a meta de destino final no ponto B.

Nessa cidade existem centenas de caminhos que a podem levar ao seu destino final. Ao dar o primeiro passo, essa pessoa está fazendo uma série de escolhas, que tem relações com a personalidade dela, ou com a sua forma de reagir a sua própria vontade, e que a guiarão até seu objetivo. Esse indivíduo pode escolher ir por um caminho mais curto, mais rápido, ou pode escolher passar em uma praça, denominada aqui como o ponto C, simplesmente por julgar o caminho mais agradável. Tal escolha

identifica um desvio da rota e possibilita uma experiência mais aprazível e uma possível descoberta: o ponto D.

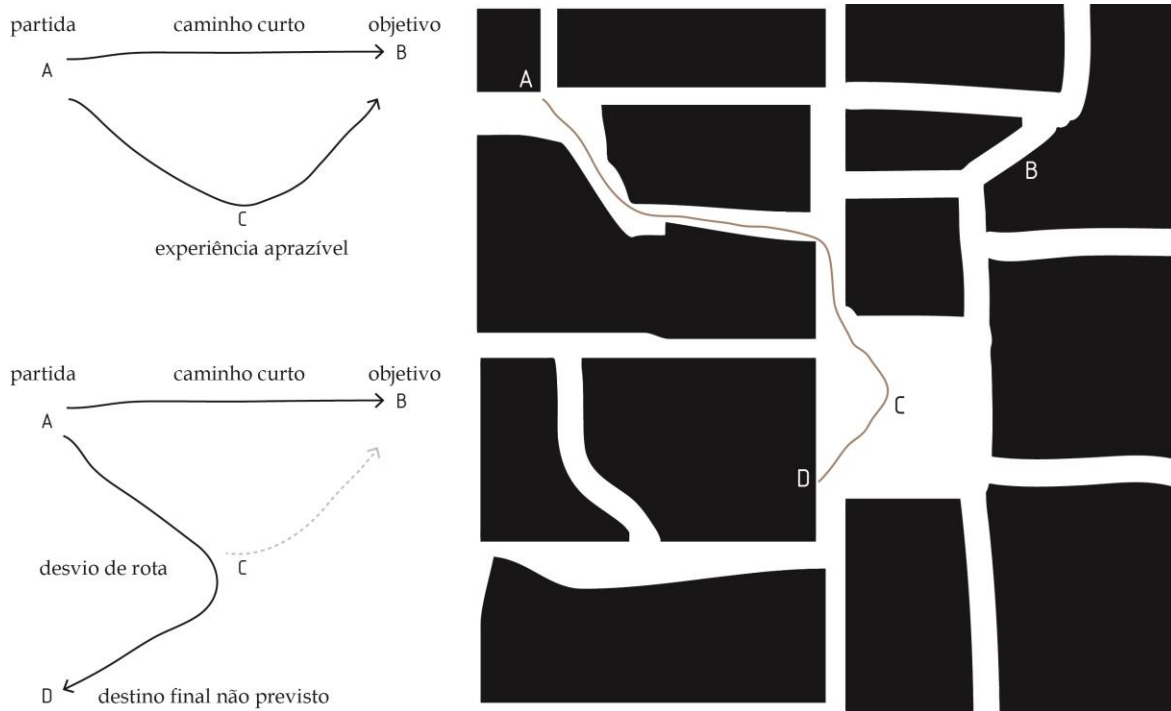


Figura 1 - Diagrama hipotético de um pedaço de cidade, no qual mostra uma pessoa que sai do ponto A com destino final no ponto B. Ela decide passar pelo ponto C, um espaço supostamente de vivência pública (uma *piazza*), tal atitude resulta na descoberta de um destino final não previsto, o ponto D.

3. La dotta, la grassa e la rossa (a esperta, a gorda e a vermelha)

Bologna, *la rossa*, tem uma identidade cromática graças à sua coloração vermelha, resultante da localização da cidade: havia falta de pedras no lugar onde a cidade foi erguida, portanto usaram tijolos vermelhos nos edifícios construídos. Esta identidade permanece até a atualidade e muitos associam esta coloração com o passado comunista de sua sociedade. A cor exerce o papel de identidade da cidade. Os múltiplos tons de vermelho são praticamente responsáveis por conferir uma atmosfera particular aos eventos de e para Bologna. O vermelho se espalha naturalmente pela cidade. É um dos pontos em comum que faz o elo entre as edificações e os espaços que são formados através da implantação das mesmas. Conhecida como capital italiana da cultura, ela é um palco a céu aberto, inflamada por artistas e atores da vida real. Caminhar em busca do desconhecido pela cidade, passa a ser uma experiência cada vez mais enriquecedora e motivadora para tentar entender melhor como funciona a atmosfera daquele lugar.

Assim como o *flâneur* de *Baudelaire* vaguei pelas vias dessa cidade (fig.2). Deparei-me com fenômenos surpreendentes, momentos impensados, e o inusitado se tornou parte do meu cotidiano. Gosto de pensar que o *flâneur* é um investigador da vida urbana, capaz de reinventar a cidade e seus caminhos em cada saída, em cada jornada. Não consigo cogitar outro termo mais apropriado para minha experiência do que este, *flâneur*, de origem francesa, uma vez que "la rossa" é conhecida como a "pequena Paris italiana".

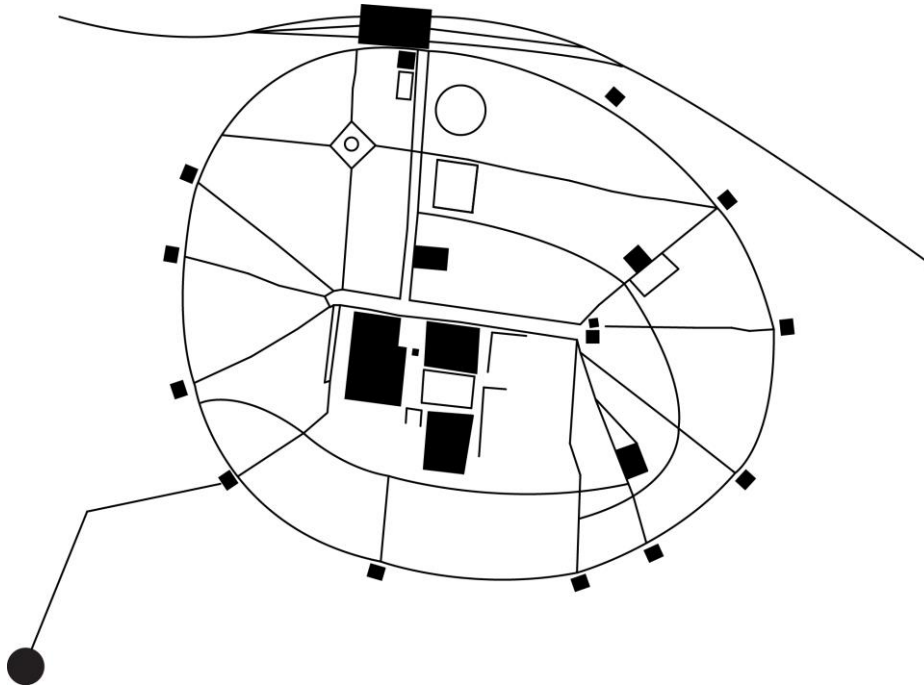


Figura 2 – Mapa/diagrama da cidade de Bologna. O mapa foi desenvolvido através de memórias espaciais de lugares e suas conexões. É praticamente o produto de um processo mental e distorcido da realidade.

4. Duas Torres

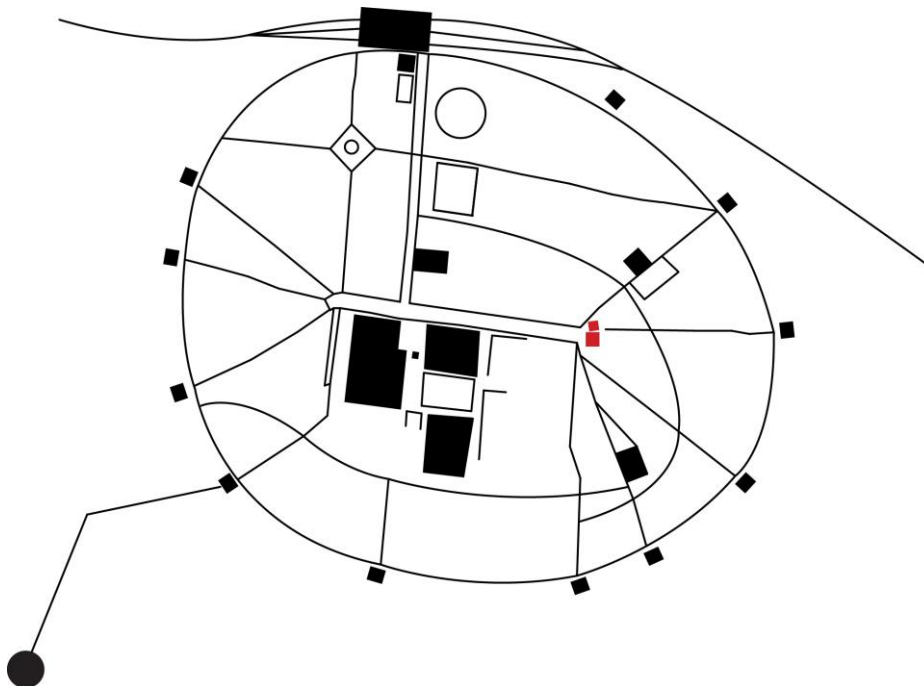


Figura 3 - Em destaque, o ponto onde se localizam as duas torres.

Não existe um lugar certo para começar a falar sobre uma cidade, pois sua imagem não segue uma ordem cronológica, sendo resultado de uma série de eventos que acontecem simultaneamente. Assim, começarei a falar de dois grandes ícones de Bolona: as duas torres (fig.3).

Se na capital francesa um elemento vertical se torna símbolo máximo de identidade de uma cidade, na capital da cultura italiana não poderia ser diferente: a *Torre Asinelli* assume o papel de elemento ícone culminante de reconhecimento visual para pessoas externas à cidade. Dessa forma, essas pessoas, mesmo não tendo o conhecimento total da cidade, são capazes de identificá-la de imediato.

Há uma lenda compartilhada entre os moradores da cidade, com várias versões sobre a construção das duas torres. Na época em que a cidade foi fundada, as torres representavam não só um elemento típico da cidade medieval para observação em caso de combates, mas também um elemento sinalizador de riqueza, pois as famílias nobres as construíam para batizá-las com o nome da linhagem.

Certa vez, um pobre trabalhador chegou em busca de emprego na cidade e acabou conhecendo uma linda garota que pertencia a família *Asinelli*, umas das mais poderosas do lugar. Os dois se envolveram em um romance contra a vontade dos pais da linda menina. Visto a persistência do casal, o pai propôs ao trabalhador um acordo: se ele construísse a torre mais alta da cidade, os dois ficariam livres para se casarem. Sabendo da impossibilidade disso acontecer o jovem deixou a cidade e prometeu que só voltaria quando tivesse dinheiro para a construção. Anos depois, o homem se tornou rico, ao encontrar um tesouro perdido em um rio, e o dinheiro tornou possível a construção da maior torre de Bologna. A família rival, *Garisenda*, ao ver aquela torre de noventa e sete metros no centro da cidade, começou a construir uma outra, com um projeto que prometia produzir uma torre mais alta ainda. Porém, no andamento da construção o solo começou a ceder, a torre ficou inclinada e impossibilitou a continuação das obras.

Até hoje, as torres são o maior símbolo da cidade. Localizam-se na parte leste, no final da *Via Rizzoli*, e marcam um eixo na zona central da cidade. O viajador *John Evelyn*, em 1645, descreveu da seguinte forma a cidade de Bologna em uma viagem pela Itália:

Esta cidade pertence ao Papa, tem uma famosa Universidade, fica em um dos lugares mais férteis da Europa, para todos os tipos de comissões; tem a forma de um barco, do qual a Torre Asinelli poderia ser o mastro. A cidade não é muito reforçada, com um simples muro a sua volta, de quase cinco milhas, e tem duas milhas de comprimento” (Tradução livre feita pelo autor a partir de TUTTLE, 2001. p.55)

A observação de *John Evelyn* de que a cidade é um barco e a torre seu mastro, é muito sugestiva. Ao ver o mapa da cidade, o ponto onde se localiza as torres é o mesmo de onde partem ramificações de outras vias, que ligam diretamente às portas da cidade. Estas estão inseridas no anel que limita o centro histórico, marcando o fim da linearidade das *Vias Ugo Bassi e Rizzoli*.

A torre é o principal elemento de comunicação visual para o senso de direção do pedestre, considerando-se o que está implantado no nível do seu olhar, cuja altura facilmente se destaca no *skyline* da cidade, de gabarito predominantemente baixo. Este elemento vertical praticamente organiza a cidade inteira. É quase impossível se perder em Bologna, mesmo com a não visibilidade da torre em alguns pontos da cidade, pois o desenho das vias leva o pedestre “naturalmente” à posição da torre.

O trecho a seguir expõe parte do cotidiano dos cidadãos em 1786. Embora seja um texto do século XVIII, essas são observações com características contemporâneas, pois se aplicam muito bem para os dias de hoje. Através deste relato conhecemos interessante modo de situar geograficamente a posição da cidade ao subir no topo da torre e observar os elementos em seu entorno:

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 5 nº 1 - Junho de 2015

Edição Temática: Comunicação, Arquitetura e Design

Ao entardecer, librei-me finalmente dessa velha, nobre e culta cidade, da multidão que passeia para lá e para cá, espanta-se, vai às compras e faz seus negócios, sempre protegida do sol e do mau tempo pelas arcadas espraçadas por quase todas as ruas da cidade. Subi à torre e delíciei-me com ar fresco. A vista é magnífica! Ao norte, vêem-se as montanhas de Pádua e, mais adiante, os Alpes suíços, tirolezes, friulanos, enfim, toda a cadeia de montanhas, dessa vez envolta em neblina. A oeste, descortina-se um horizonte infindo, em meio ao qual erguem-se apenas as torres de Modena. A leste, uma planície uniforme estendendo-se até o Adriático, e pode-se vê-lo ao nascer do sol. Ao sul, as colinas aos pés dos Apeninos, cultivadas e de vegetação farta até o topo, ocupadas por igrejas, palácios, casas de campo, tal qual as colinas de Vicenza. (GOETHE, 1999. p.122)

Subir os 97 metros da *Torre Asinelli* foi uma experiência incrível. Desde quando cheguei na cidade, eu queria subir na torre, apesar da lenda que estudantes não podem subir, pois aquele que fizer isso não conseguirá se formar na universidade. Era 26 de outubro de 2013, um sábado. Normalmente um dia de espetáculo na cidade, quando vários eventos de artistas de rua acontecem. Havia adquirido uma máquina fotográfica recentemente, e queria fotografar Bologna do alto da torre pela primeira vez. Saí de casa por volta de 12:00, tendo como objetivo final o embasamento da *Torre Asinelli*, onde fica a porta de entrada para as escadas de acesso ao topo da mesma. O tempo estava parcialmente nublado, o que não influenciou absolutamente em nada o típico modo de comportamento cultural da cidade em um sábado. Durante o caminho fui surpreendido por uma série de fenômenos que estavam acontecendo na *Via Indipendenza*.

Dois homens no chão tocavam um instrumento estranho. O som transbordando do elemento cilíndrico me faz pensar no silêncio. É um rumor constante, com um ritmo só, intercalado com a respiração e a batida do tambor do homem ao lado. Caminho um pouco adiante, e o silêncio se transforma em uma cor. Azul, a cor vestia dois homem-estátuas que ganhavam dinâmica ao som de moedas caindo em um vaso de metal. Movimento-me, e encontro um palhaço, simpático com sua cartola preta e que não parava de se mexer. Para um lado e para outro, parando as pessoas que se desviavam com um sorriso na face, reflexo da palhaçada.

Avante, vejo uma cena que resume a atual situação da sociedade italiana. Compartilhando o espaço de uma circunferência de aproximadamente 2m de não seria diâmetro, há uma mulher com seu filho, um imigrante com seus produtos para crianças e o velho de 44 anos desempregado pedindo dinheiro ao lado de seu cachorro. Toda a atenção gira em torno da pequena criança, que está encantada com o cachorro de brinquedo que o imigrante vende. E o animal triste se encontra acanhado junto ao velho que tem a posição do braço semelhante ao outro homem em seu lado, ambos com um objeto em punho. O velho com uma caneca de plástico e o outro com uma pelúcia.

Termino de subir a *Via Indipendenza* e vejo um tumulto na *Piazza Nettuno*. Uma homenagem estava acontecendo em prol aos mortos na segunda guerra. Fiquei alguns minutos parado, deram-me uma rosa em mãos. Coloquei-a na mochila, de forma a ficar exposta, visível para o lado de fora. Continuamos, a rosa e eu em sentido da torre. Deparei-me com um sorriso familiar na *Via Rizzoli*, meu professor de italiano. Cumprimento-o e prossigo.

Chego ao pé da *Torre Asinelli*, meu objetivo inicial. Subo pela sua escada de madeira interior. Em um dos seus patamares encontro um buraco no chão, através do qual

vejo as pessoas que buscam o mesmo objetivo que eu. Chego ao topo e roubo um pouco da luz que entra no diafragma da máquina fotográfica, eternizando Bologna em cores na minha lembrança (fig.4).



Figura 4 - A cidade vista da torre do topo da Torre Asinelli. Nota-se o topo da torre menor e a cor predominante vermelha da cidade devido aos tijolos. Foto do autor.

5. Piazza Nettuno e Piazza Maggiore

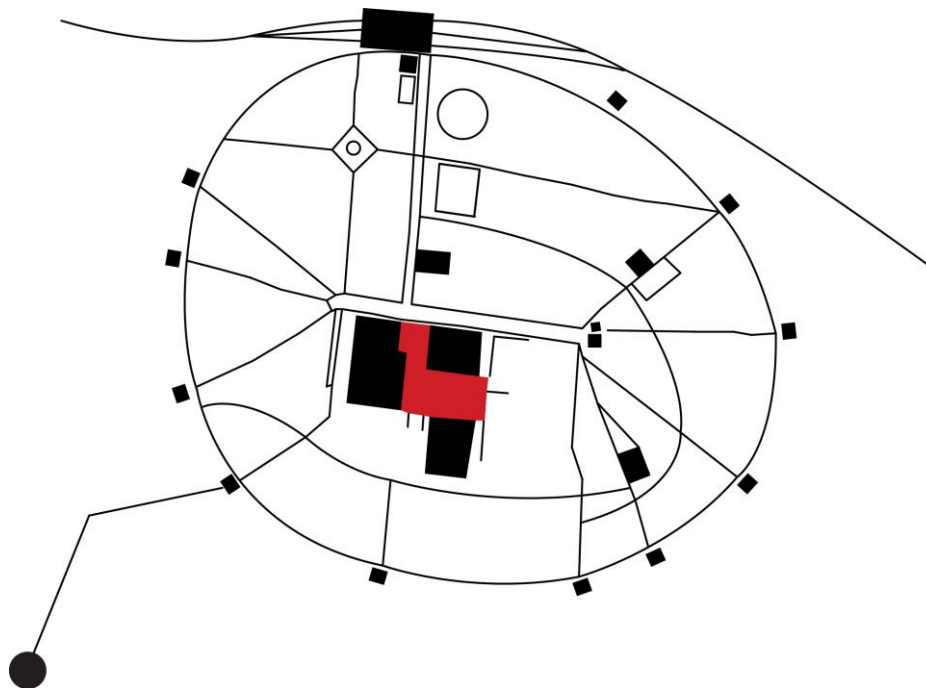


Figura 5 – Em destaque, a Piazza Nettuno e a Piazza Maggiore.

A *Piazza Nettuno* localiza-se no centro da cidade de Bologna, ao lado do encontro da *Via Indipendenza* com a *Via Rizzoli*. Esta típica piazza italiana tem características próprias: ausência de vegetação, configuração resultante da disposição de edifícios e seu principal diferencial é o uso cultural que lhe é atribuído. Esta *piazza* pode ser palco para exposições artísticas, manifestações de âmbito sociopolítico, shows, entre outras formas de usos relacionados à cultura. Na sua mais pura essência, a *piazza* é um centro de discussões e decisões, marco zero da cidade, onde a população participa

diretamente da vida urbana. Não podemos traduzir a palavra *piazza* em italiano para praça em português, pois são duas coisas distintas.

A centralidade é, sem dúvida, a característica que mais se destaca na *Piazza Nettuno*. Situada sobre os restos da antiga Bononia e perfeitamente inserida no centro do último anel de muro medieval, esta *piazza* fica entre dois imponentes edifícios, o Comunale onde atualmente funciona a *Sala Borsa*, e o *Palazzo Re Enzo*. Alguém sentado nas escadarias em frente a *Sala Borsa*, antigo prédio da prefeitura e principal biblioteca da cidade desde dezembro de 2001, consegue observar apenas um vestígio de vegetação, na *Via Indipendenza*, em frente ao *Hotel Tre Vecchi*. Nessa situação essa pessoa está diante de um grande espetáculo que acontece naquele momento, ao lado de mais trinta e quatro pessoas, sentadas em uma arquibancada improvisada, em plena tarde de domingo. No lado oposto da *Sala Borsa* está o *Palazzo Re Enzo* de 1245 e o *Palazzo Del Podestà*, determinantes para o desenho das duas *piazze* que o faceiam

As escadarias que ficam na entrada da *Sala Borsa* e no *Palazzo Del Podestà*, além de serem usadas para o fim proposto de vencer um desnível através de degraus, constituem também uma grande estrutura-mobiliário urbano, pois as pessoas se acomodam ali, seja durante seu lazer para contemplação da cidade, seja para um mero descanso, acompanhado de um lanche. Acolá fica disposta a grande pláteia, que admira o espetáculo espontâneo, sem ensaios, produzido por atores desconhecidos, no qual, muitas vezes, aquelas pessoas sentadas desempenham o papel principal.

A *Fontana del Nettuno* delimita o espaço de transposição entre a *Piazza Maggiore* e a *Piazza Nettuno*. Uma fonte de água, com imagens pagãs originárias da mitologia grega, contrapõem a atmosfera italiana formada pelo catolicismo. Dizem que a fonte já pode ter modificado a maneira de andar de muitas freiras.

Existem 7 segredos em Bologna, dos quais o mais conhecido é o da fonte de *Nettuno*. Por ser pagã, a construção da fonte em 1565 gerou muita polêmica, pois o escultor queria fazê-la com a genitália da figura maior, porém a Igreja conseguiu interferir no projeto, e assim a obra foi terminada com a dimensão do órgão sexual masculino do *Nettuno* menor do que inicialmente proposto. Entretanto, foi verificado que de um determinado ângulo, saindo do prédio da *Sala Borsa*, olhando para o dedo indicador do braço esquerdo do deus grego, é possível constatar a imagem de um pênis ereto. As freiras mudavam suas rotas, uma vez que eram incomodadas com o fato de poder olhar para a imagem erótica de *Nettuno* quando se dirigiam à Igreja. Nota-se que, além da tipologia, alguns fatos históricos ou lendas podem modificar a maneira de determinada pessoa, ou grupo, andar pela cidade.

A *Piazza Maggiore* é a principal *piazza* da cidade, porém não seria a mesma sem a *Piazza Nettuno* ao seu lado, que garante o sucesso de sua irmã maior devido à sua localização. Ela é um convite, uma abertura em meio a edificações que continua o grande fluxo da *Via Indipendenza* e que entra em confronto com o fluxo da *Via Rizzoli*, desembocando ali uma grande quantidade de pessoas. Na esquina onde se encontram essas duas vias principais, já se vê a Basílica di *San Petronio*. Nesse caso, a edificação funciona como um grande anúncio ou banner da *Piazza Maggiore*.

A *Piazza Nettuno* pode ser denominada um espaço de passagem, não fossem os eventos, principalmente os produzidos pelos artistas de rua que a usam como palco e a história do lugar. Um exemplo bem sucedido de apresentação na *Piazza Nettuno*, constitui-se em um grupo de artistas composto por um guitarrista, sua mulher batizada por ele carinhosamente de bailarina, e outros dois ajudantes que dão suporte na montagem e desmontagem do equipamento de som. Uma moto antiga da *Harley Davidson* faz parte da cenografia do show daquele velho guitarrista que faz solos fantásticos.

Assim que os artistas começam a tocar, as pessoas se aproximam, e em poucos minutos já é notável a quantidade de observadores que param e aproveitam o espetáculo. Isso é resultado da disposição das duas "piazzas" e das vias que foram citadas acima. Provavelmente, se o grupo fizesse a apresentação em outro lugar, não teria o mesmo sucesso de público como na frente da *Sala Borsa*, devido ao fluxo de pessoas naquele ponto.

Na *Piazza Maggiore* acontecem semanalmente assembléias políticas não ligadas a partidos, organizadas por pessoas com nenhuma relação com cargo político. São habitantes discutindo politicamente formas de melhorar a sociedade. Certa vez fui surpreendido com um velho sobre um banco (fig. 6) de aproximadamente 20cm de altura falando sobre os problemas econômicos da Itália. Ele estava conduzindo aquele debate, do qual, para ter a voz destacada, precisava subir no banco. Juntei-me àquela roda de pessoas discretamente com a máquina fotográfica ligada, e pude registrar um pouco daquela essência de uso da *piazza* acontecendo. Até aquele momento eu era apenas mais um naquela roda, ou, menos que isso, era apenas um observador curioso. O acaso fez o banco caminhar em minha direção, o senhor jogou-o em meu sentido, onde eu estava com meus amigos. A palavra foi passada a nós, e todos olhavam em nossa direção. Passamos de simples observadores, a participantes de uma assembléia na *piazza*. "*Scuzi, siamo Stragneri*" (Desculpa, somos estrangeiros), dissemos como um coral. O ritmo de discussão foi quebrado e retomado. Aquela pausa de segundos foi o suficiente para nos colocar em outro patamar, ao subirmos em uma cota mais alta que o grande platô, chamado de *Crescentone*, que soma mais 20cm de altura em relação a cota do pavimento circundante. Foram segundos sobre 40cm, que nos tornaram o ponto mais alto em uma *piazza*.



Figura 6 - Voz "alta" na praça. O velho está na cota 40cm em relação ao entorno do *crescentone* que o banco de 20cm está apoiado. Foto do autor.

6. O grande baile popular: o dia em que dancei com a cidade

Era uma terça-feira, umas das primeiras noites da primavera. Fazia um frio moderado em torno de 15°C. Soube que iria acontecer uma dança coletiva na *piazza* e não pensei duas vezes em ir conferir esse evento. Da minha casa, na *Via Amendola*, demorava cerca de doze minutos, andando debaixo dos pórticos da cidade, para chegar na *Maggiore*. Bastava virar a primeira à esquerda até a *Via Indipendenza*, e depois seguir reto. A entrada do meu prédio fica em uma cota de doze metros abaixo em relação ao nível da *Piazza Maggiore*. Vencia o desnível na proporção de um minuto para um metro de altura. Passei pela *Piazza Nettuno* e cheguei sozinho ao lugar. Avistei na extremidade oeste da *piazza* uma aglomeração de pessoas. Sentei no chão,

perto da beira do tablado elevado de aproximadamente 20cm e fiquei observando (figura 7). Eles dançavam músicas da época medieval; havia entre 40 e 50 indivíduos na *piazza*, que se misturavam acordados pelo som que saía dos instrumentos musicais de um grupo composto de umas cinco pessoas sentadas no chão. Momentos depois chegaram meus amigos italianos, que me convidaram a entrar na roda que não parava de crescer. Aprendi alguns passos de dança e comecei a me entrosar com os outros participantes (figura 8).

Repentinamente uma janela abriu acima dos pórticos da passagem da via mais bonita da cidade, a Via Pecherie Vecchie (figura 9). A mulher, com o busto contra a janela, pedia encarecidamente por silêncio. Nos arredamos à oeste, no sentido da estátua de San Petronio que fica na fachada do Palazzo D'Accursio margeando a *piazza*, e retomamos com a dança. Formamos a grande roda, e trocávamos de parceiros ao passo que a música tocava. As mulheres circulavam pelo sentido horário e os homens faziam o oposto. Dancei cerca de 15 segundos com uma moça, ela perguntou que perfume eu usava, só consegui responder com um "quase grito" quando já estava com outra parceira de dança, fomos nos distanciando e nunca mais vi aquela ragazza novamente (figura 10).

O patamar elevado, chamado de *crescentone*, organiza a disposição das pessoas envolvidas neste evento. Quando a formação da roda é alterada para oeste, as pessoas continuam dentro do perímetro desse platô, mesmo com a possibilidade de avançar mais ao oeste e sair deste nível, ficando ainda mais longe da mulher que está se sentindo incomodada. O *crescentone* qualifica o espaço da *piazza*, tornando-a, nesse caso, um grande palco. Organiza também os espaços dos eventos, como o cinema a céu aberto nos meses de Julho e Agosto. Para este evento, cadeiras são posicionadas no interno desse retângulo de dimensões 113x59 metros. O espaço coletivo é vivenciado em seu auge. Pessoas de diferentes classes sociais, culturas e etnias dividindo o mesmo espaço. Sem hierarquias, todas medem 20cm, estando sentadas em uma cadeira ou no chão fora do *crescentone*. São espaços ricos como esse, capazes de aproximar as pessoas, que fazem desta uma cidade melhor. Com um espaço que permite as descobertas, o encontro ou a experiência urbana de algo inimaginável.

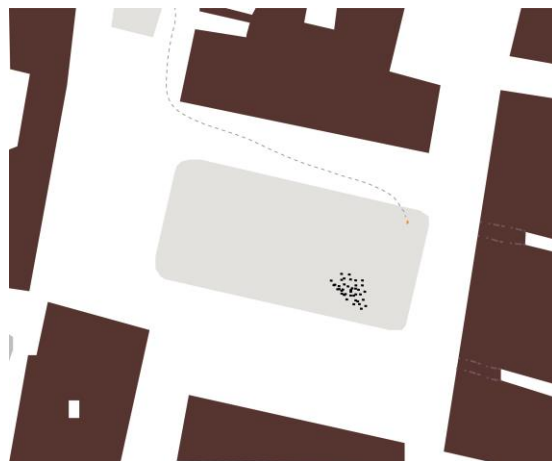


Figura 7 – 1º momento, chegada ao evento e a primeira composição do grupo na *piazza*.

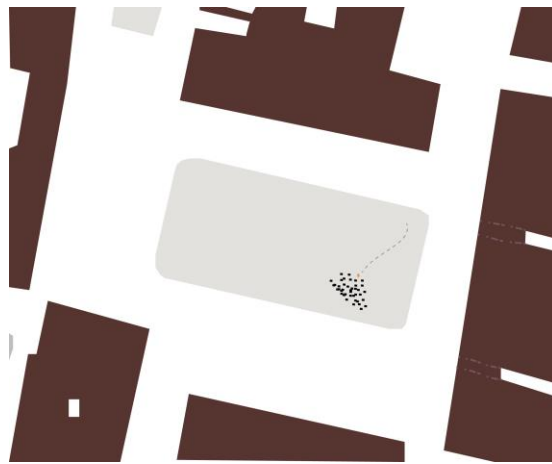


Figura 8 – 2º momento, aproximação ao grupo que se preparava para a dança.

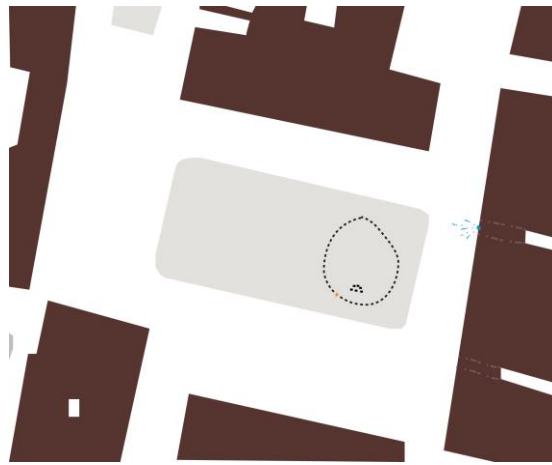


Figura 9 – 3º momento, a grande roda que se formou e a mulher na janela.

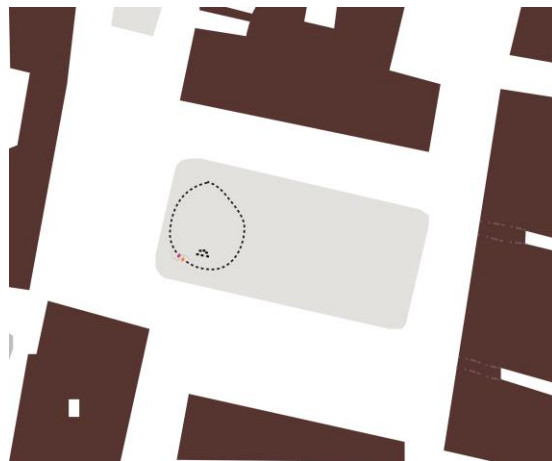


Figura 10 – 4º momento, posicionamento na extremidade esquerda do *crescenton* e fenômeno do encontro com a menina. De acordo com a classificação de Charles Sanders Peirce(1977) sobre fenômenos, determinamos que o fenômeno da dança na piazza é um de segunda classe, pois trata-se de um choque, uma vez que esse evento era realizado normalmente em um lugar fechado e neste dia específico aconteceu na piazza, caracterizando um conflito entre ações e hábitos. O fato da menina perguntar qual perfume o indivíduo usava naquele momento, caracteriza um fenômeno de primeira classe, a primeiridade, aquela de uma qualidade, do espontâneo, atributo de sensação e da percepção sensorial. Esse fenômeno é um fenômeno único, não esperado. Capaz de imortalizar a cena na lembrança, não só do indivíduo, mas também da menina, pois o cheiro do perfume foi associado com o acontecimento daquele momento.

7. Piazza Verdi

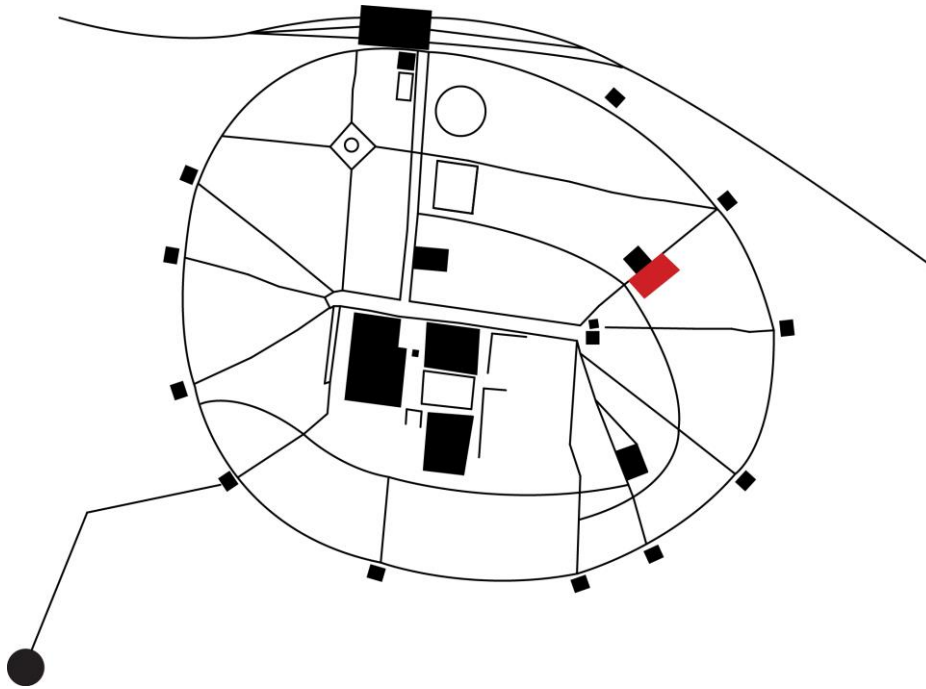


Figura 11 - Em destaque, um lugar para sentar no chão com os amigos, a *Piazza Verdi*.

A zona universitária é uma região particular. Cortada pela *Via Zamboni*, com sua cota mais alta no fim da *Via Rizzoli* e a mais baixa no ponto onde fica a *Porta San Donato*; seus edifícios estão dispostos ao longo da via.

Uma das características de Bologna é a presença dos “*Erasmus*”, estudantes de intercâmbio que ajudam na formação de uma cidade universitária. Esses estudantes fazem parte da cidade, e estão diretamente ligados à flexibilidade do uso na *Piazza Verdi* que quebra a barreira do espaço físico tornando o fator “espaço social” uma informação muito forte do local. Esse sítio carrega consigo todo um significado histórico de um lugar de convivência independente da sua materialidade. Assim como vemos no trecho abaixo:

[...] a espacialidade constitui representação do espaço e sua semiótica permite entender o modo como, em espacialidade, o espaço se transforma em lugar, não físico, mas social, onde abrigam a comunicação e a cultura nas suas dimensões históricas, sociais e cognitivas. Assim sendo, o estudo desse espaço “entre” supõe oferecer outra contribuição para a história da cultura, que vai da plasticidade do material a ilusão da imagem, e para a história da comunicação, que vai da mensagem que justifica relações humanas e sociais ao vínculo que se transforma em mediatização, considera a transmissão que depende do modo como a comunicação se organiza e cria outros ambientes sociais, ou os transforma radicalmente, criando-lhes contextos e ambientes específicos. (FERRARA, 2008, p.13)

Acontecem nesta região movimentos estudantis, manifestações e principalmente, acontece a *Piazza Verdi*, delimitada por um teatro que margeia a *Via Zamboni*, os fundos de uma igreja, e dois edifícios com um bar no térreo cada um, que de dia funcionam como restaurante, tendo uma via como elemento divisor entre eles.

A *piazza* se transforma ao anoitecer. Pessoas começam a se aglomerar, sentadas no chão dispostas em vários círculos. São diferentes indivíduos, de etnias distintas: estudantes espanhóis, portugueses, americanos, brasileiros, turcos, franceses, italianos, entre outras nacionalidades. Eles dão um caráter de heterogeneidade àquele lugar. O propósito de se estar ou permanecer no recinto é simplesmente o do usufruto da troca de experiências, conversas e reuniões sociais. O serviço ilegal da venda de cerveja por imigrantes inflama mais ainda os jovens, garantindo que eles permaneçam ali, sem precisar sequer levantar para comprar uma bebida.

É importante observar como esta "atmosfera" contamina a cidade tal e qual nos sinaliza o arquiteto Peter Zumthor, em seu livro sobre o assunto, discutindo a presença da praça:

Uma experiência simples, desculpem a simplicidade do meu pensamento. Mas ao eliminar a praça – os meus sentimentos desaparecem. Naquela altura, nunca os teria tido da mesma forma sem a atmosfera da praça. Lógico. Existe um efeito recíproco entre pessoas e as coisas. (ZUMTHOR, 2009 p.18)

A posição da *piazza* em relação a cidade e seus usos é fundamental para o sucesso da mesma enquanto referência de espaço de convívio urbano. Com uma forma retangular e, o lado maior paralelo a *Via Zamboni*, ela é um suporte para os prédios da universidade.

De dia, funciona como um grande pátio para reunião de alunos (figura 8), e de noite apresenta-se como um espaço completamente diferente do que descrito anteriormente. Um pedestre que desce a *Via Zamboni*, partindo das duas torres no final da *Via Rizzoli*, encontra a *piazza* à sua direita. Primeiramente percebe algumas árvores pequenas plantadas em uma caixa de madeira com alguns bancos do mesmo material juntos a ela, depois atravessa a continuação da *Via Petroni* perpendicular a *Via Zamboni* e se depara com o vazio.

Diferente da *Piazza Maggiore* que têm um tablado elevado cerca de 20cm, essa *piazza* fica no mesmo nível que as vias ao seu redor. Alguns paralelepípedos de dois tamanhos distintos servem de mobiliário urbano para a jovem população que a frequenta e demarcam o perímetro da *piazza*, diferenciando o espaço para circulação de carros daquele para o uso dos pedestres. Algo que acontece naturalmente, sem conflitos entre eles. Uma relação de respeito perante ao espaço público. A dimensão total do espaço é de 73x24m, porém, assim como na *Piazza Maggiore* um espaço que é destacado pelo *crescentone*, existe um espaço físico de 17x45m que é o ponto de maior densidade da *Piazza Verdi*, delimitados pelos mobiliários urbanos.

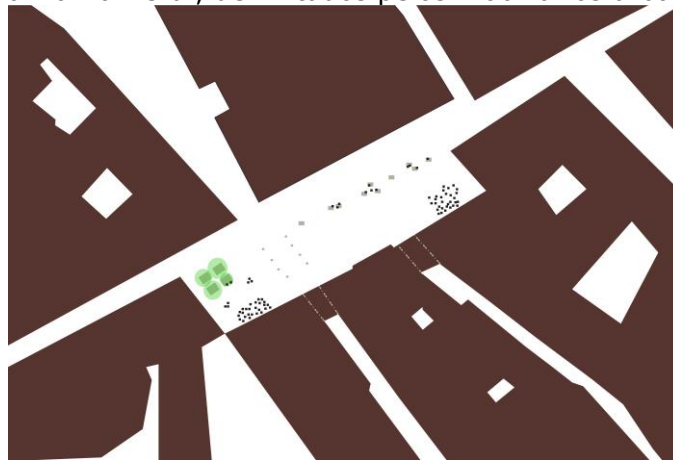


Figura 12 - Situação *Piazza Verdi*. Nota-se os grupos de pessoas nas extremidades da *piazza*.

8. Porta Maggiore

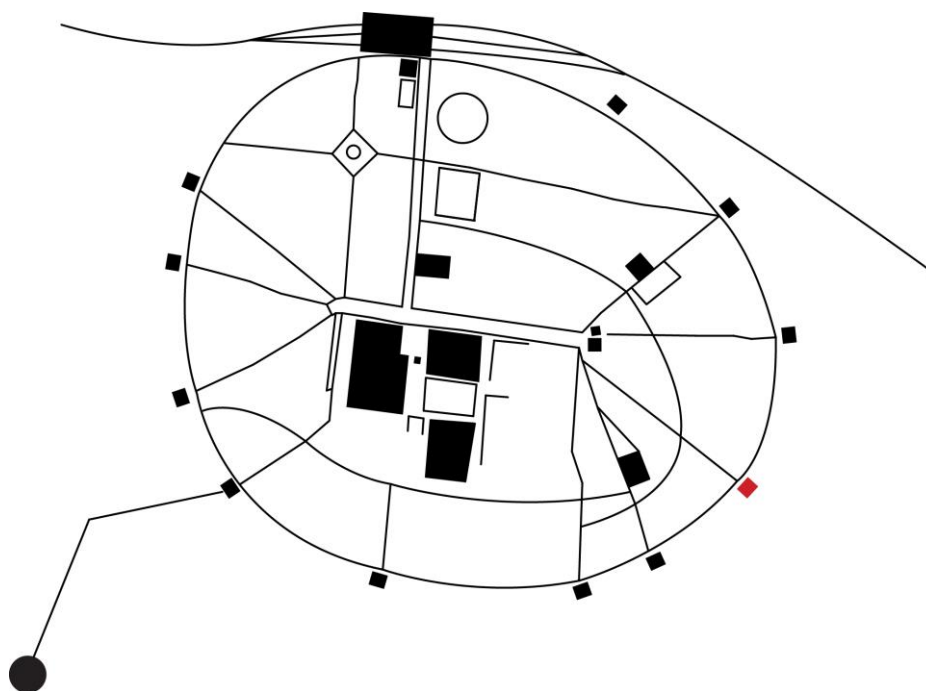


Figura 13 - Em destaque, a porta que nos leva em direção ao mar, a Porta Maggiore.

O muro desta cidade medieval foi projetado no início do século XIII e terminado em 1385. Seu desenho permaneceu praticamente inalterado até sua demolição um pouco depois de 1900, para as obras de modernização da cidade. O muro de nove metros de altura formava uma fortificação relativamente vulnerável em relação às outras cidades italianas, que depois de 1500, com o uso da pólvora, deixaram seus muros mais altos e robustos. Bologna começa o século XVI demonstrando como a construção de uma fortaleza moderna poderia ser grandiosa e problemática ao mesmo tempo.

No início de 1900 a cidade passou por um processo de modernização. Muitas adaptações foram feitas nesse período, dentre elas a demolição do muro, que teve um grande efeito no funcionamento da cidade, pois deu lugar a um grande anel viário. Alguns vestígios do muro ainda são encontrados na cidade devido a preservação patrimonial, principalmente as portas, que tem um grande valor não só histórico, mas também como marco urbano. As quinze portas restantes, da última expansão do tecido medieval, funcionam como pontos de referências para as pessoas da, e na cidade. Durante muitos séculos a *Porta Maggiore* foi a principal porta de Bologna. Situada ao fim da *Strada Maggiore*, ela conecta a cidade com a *Via Mazzini*, que segue na direção sudeste até a costa do mar Adriático.

Imagino como seria prazeroso sair reto das duas torres em direção ao mar, passando por várias cidades que ficam alinhadas com a porta. Fantasio também a época medieval. As pessoas vinham do sul da Itália, falavam napolitano, entravam pela porta como se estivessem entrando em uma casa de algum desconhecido que fala uma língua estranha. Nessa casa a *Strada Maggiore* é um grande corredor que liga a porta até o seu "hall" principal: as duas torres.

9. Madonna di San Luca: a guardiã de Bologna

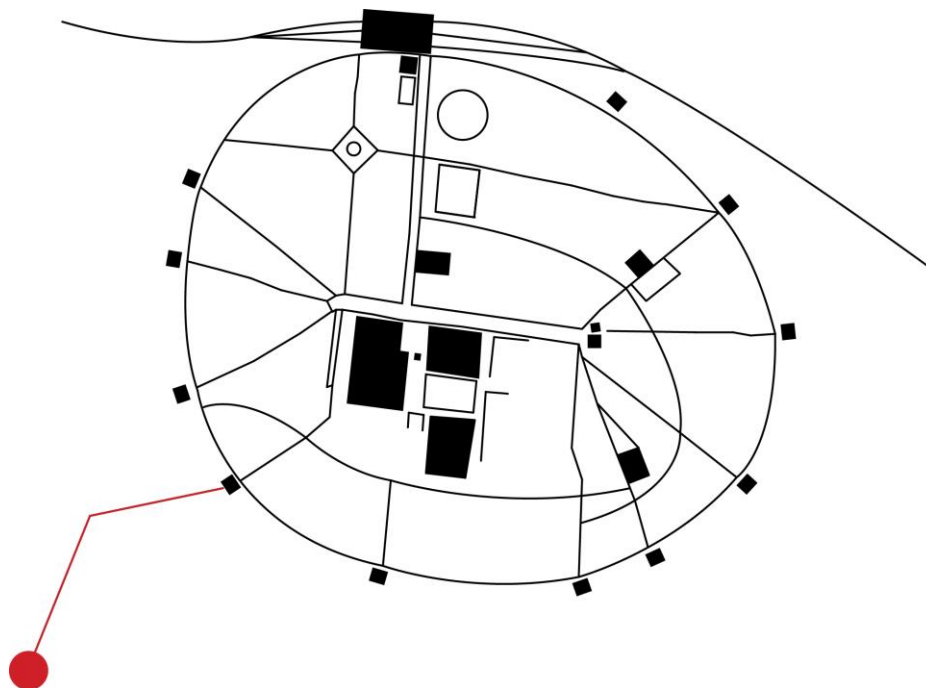


Figura 14 – Em destaque, uma lenda, o caminho pelos arcos e a Basílica da *Madonna di San Luca*.

O viajante que chega de avião, trem ou carro na cidade avista de longe a Basílica da *Madonna di San Luca*, situada em um monte alto na parte sudoeste da periferia de Bologna. Ela é o primeiro grande anúncio da cidade para quem chega. Também é possível identificá-la das zonas agrícolas livres de construções, durante a passagem pelas estradas que fazem a ligação com outras partes da Itália.

Relatos de uma visita *na Madonna di San Luca* em 08/09/13:

O ponto de partida da peregrinação para conhecer a guardiã da cidade foi a *Porta Saragozza*, seguindo pelos pórticos até a *Madonna di San Luca*. O caminho formado por seiscentos e sessenta e seis arcos carrega uma lenda consigo: quem subir àquela colina através deles, pagará seus pecados. Cada arco tem um nome e são numerados. Subindo, eu observava as marcas do processo de restauro, aquela massa branca passada para cobrir as rachaduras mais pareciam veias que ligam a cidade com a igreja. Um grande "cordão umbilical" que transposta as suas crenças. No meio do caminho, percebi uma mancha vermelha na manga da minha camiseta. Havia esbarrado em uma das colunas de tijolos. Fui marcado e fiquei sagrado por aquela artéria, um batismo simbólico que me fez pertencer mais ainda de Bologna.

Ao chegar ao topo, bem de longe, via uma pequena cidade congelada por todo o tempo que ali fiquei parado olhando em direção ao centro. A parte sul da cidade é repleta de verde, isso se faz parecer ainda maior à distância.

Aquilo que mais gosto neste lugar, não é a igreja, nem a vista, mas sim como cheguei até a guardiã. O modo como fui levado, guiado, transportado por um caminho, que representa uma lenda da cidade.

10. Via Pescherie Vecchie, a mais bonita da cidade

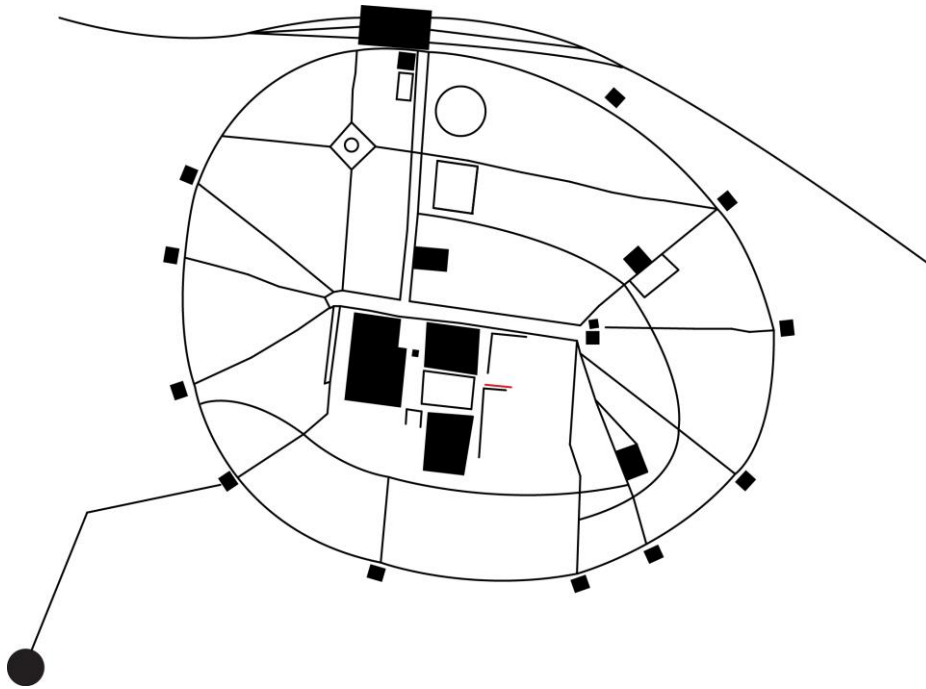


Figura 15 - Em destaque, um detalhe da cidade de Bologna, a *Via Pescherie Vecchie*.

Não poderia ser mais ao centro da cidade a localização da curta e estreita *Via Pescherie Vecchie* (velhos pescadores). Ela é um detalhe remanescente no tecido urbano e mantém vestígios da antiga Bologna, não só pela sua tipologia que resistiu às mudanças urbanísticas e às guerras, mas sobretudo pelo seu uso específico do comércio de peixes, carnes, frutas, flores, especiárias, mortadela a Bolognese e outras iguarias típicas italianas (figura 16).

Ao entrar nessa via, que desagua na *Piazza Maggiore*, mergulhamos em um mar de sensações ativador dos nossos sentidos, sobretudo o paladar e olfato. Quando pensamos em um projeto de arquitetura ou urbanismo, pensamos sobre formas, materialidade e suas cores, relações de fluxos e espaços, entre outras coisas. Mas eu me pergunto: o que seria um projeto de arquitetura para aguçar os sentidos mais primitivos, aqueles invisíveis, sensações não táteis, das quais temos dificuldade de explicar para outra pessoa sem um exemplo presencial, algo impossível de desenhar como hipótese para uma futura execução, ou melhor, futura tradução na forma de projeto? Provavelmente não pensaram nisso para a composição dessa via quando da sua criação, mas, certamente essa arquitetura invisível, impregnada de qualidade sensorial, acontece nela de uma forma surpreendente.



Figura 16 – Via Pescherie Vecchie e sua e sua palheta de cores nos expositores. Foto do autor.

Os cheiros se misturam em meio a variedade de tantos gêneros de produtos. Diferente do que estamos habituados a ver, os vendedores italianos não deixam o freguês escolher as frutas pelo tato. Primeiramente é feito o pedido de quantos quilos do produto o cliente pretende adquirir, depois, o comerciante separa pessoalmente o produto para entregá-lo. Mesmo não duvidando do frescor dos produtos, esse hábito de não tocar nos leva a observar com mais atenção os gestos do vendedor, pois não temos o auxílio do tato para escolher uma laranja menos madura, por exemplo. Para isso, é preciso observá-la, sentir seu cheiro ligeiramente sem nos aproximar tanto da fruta. A textura da casca da laranja é única. Embora existam outras frutas com o pigmento de cor semelhante, conseguimos diferenciar uma laranja de outra fruta, com facilidade; mesmo não podendo tocá-la, é como se pudéssemos sentir aquela textura apenas com os olhos.

Uma mulher sentada no chão, de costas para o arco que faz a transposição da via com a *Piazza Maggiore*, tem em suas mãos um pincel e uma palheta de cores, provavelmente de tinta aquarela. Ela pinta sobre a tela a vida real, pinta as frutas, pinta o laranja de laranja, Bologna de vermelho, pincela com as cores da palheta a palheta de frutas dos expositores. Ou a palheta de cores dos expositores que colore o papel dessa mulher (figura 17).

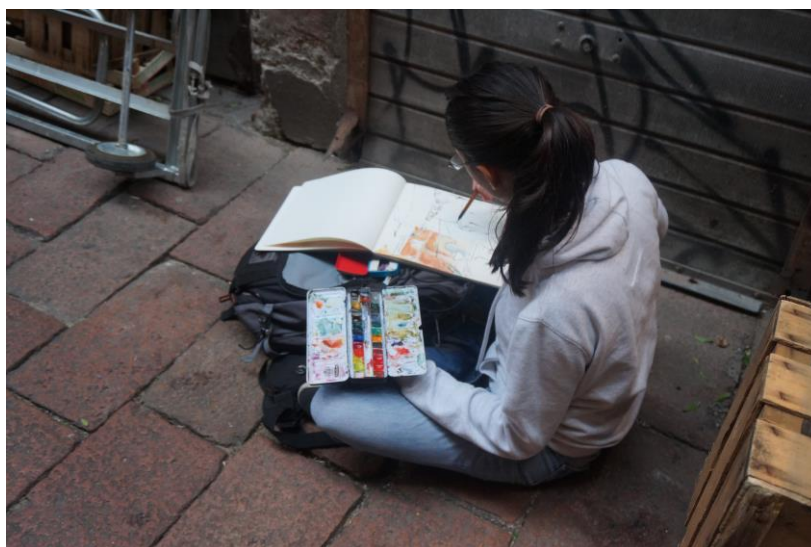


Figura 13 – Mulher pintando, com sua palheta de cores, na Via Pescherie Vecchie. Foto do autor.

As cores da bicicleta, parada no intermédio das fachadas das edificações, me fazem lembrar as cores do gelato da sorveteria Gianni ao lado das duas torres. Ela é mais um elemento especial que ajuda na configuração da harmonia deste pedaço de cidade. Não sei quem é seu dono, nem como ela chegou ali, ou se ela está flanando igual a eu. Certa vez, conheci uma bicicleta chamada *Gioconda*, não do *Leonardo Da Vinci*, mas sim do Leonardo Cavalcante, meu colega de quarto. Sei que um dia ela o levou para Faenza, à 80km de Bologna, mas isso é uma outra narrativa.

Outro aspecto fascinante deste lugar, é a beleza da organização dos expositores. Tudo é muito fresco e de alta qualidade. Tal atenção ajuda a fisgar os compradores. Os peixes parecem ainda vivos, colocados inteiros sobre uma camada espessa de gelo depositados em caixas plásticas brancas. Lembro muito bem quando fui à Napoli, no sul da Itália. Deparei-me no porto com pescadores vendendo seus frutos do mar, e me lembro sobretudo do cheiro no ar do cais. O aroma do fresco, a essência do úmido, os polvos ainda vivos colocados em um balde no chão. Essa é a mesma sensação que tinha quando passava pela *Via Pescherie Vecchie*, ou, para os mais íntimos: a mais bonita da cidade. Esta via me conduz para um lugar além do real. Mesmo sabendo da posição geográfica da cidade, ao centro da Itália, e afastada da costa do mar, em pequenos trechos desta via me sentia em uma zona portuária. Era como se eles, os pescadores, tivessem pego aqueles peixes no canal *Reno* que passa por baixo da *Via Indipendenza*, ou pela janela da *Via Piella*, no olho da rua.

Embora volte para a realidade, e tendo a certeza que estou longe, fico confortado em saber a possibilidade de subir a *Via Pescherie Vecchie*, virar a primeira à direita na *Via Drapperie*, seguir pela *Via Rizzoli* até o ponto onde estão situados o mastro da cidade, as duas torres, e então seguir em um caminho linear guiado pela *Strada Maggiore*, com a única certeza que em algum momento chegarei ao mar.

As pessoas vão e voltam
Vão e voltam
com o cheiro do úmido
Vão no sentido do mastro do barco
Bologna Vão com o vento soprando na vela colorida de vermelho
azul
vermelho
azul
vermelho
Voltam com cores laranjas
vai
elas vêm e veem o vermelho
dissolvendo no azul do cheiro do mar
desaguando na Piazza Maggiore escorrendo na fontana dell Nettuno
As pessoas vão
e voltam
vão
e
voltam.



Figura 18– O vento soprando na vela colorida de vermelho. Foto do autor editada.

11. Conclusão

Certa vez, no início do curso, o professor Mauricio Petrosino falou em uma de suas aulas que não somos alunos de arquitetura e sim arquitetos em formação. Desde então tentei pensar e agir como um. Entrei na faculdade com o intuito de ser um grande arquiteto, conhecido mundialmente, e ficava maravilhado ao olhar para as obras do Paulo Mendes da Rocha. Agora não penso o contrário, serei sempre um grande admirador da arquitetura paulistana e do legado que o Artigas nos deixou.

Sempre quis ver meu primeiro projeto residencial construído, contemplar materializado o lugar de abrigo do homem, consciente de que para me agradar o projeto teria que ser racional e, de preferência, de concreto armado.

Com o tempo percebi que arquitetura é muito maior que isso. Para elaborar uma singela casa deveria aprender primeiro outras coisas, porém não sabia ao certo o que era e onde procurar. A casa tem um vizinho, ao lado dela existe um outro e assim por diante; todas estão situadas em um bairro disposto como um organismo complexo denominado como cidade.

Sou um arquiteto em formação, que começou a ver, e perceber a relação dos espaços externos e internos. No decorrer do curso de Arquitetura em São Paulo (2010- 2013), a cidade sempre esteve e permanecia lá. Suas correlações: comércio, edifícios públicos, passagens, barreiras, parques e etc, onde a forma de um espaço construído acarreta/influência a forma e/ou o uso do outro. A noção da ligação e interdependência de tudo isso começou a influenciar os meus projetos de arquitetura desenvolvidos na faculdade.

Quando fui estudar em Bologna (2013-4), sempre soube que deveria pensar em um tema para o TCC, no período do intercâmbio. Provavelmente um projeto arquitetonicamente bem resolvido, e representado de forma adequada, com cortes, plantas, fachadas, detalhes construtivos, renders e diagramas. Afinal, seria o meu último projeto como um arquiteto em formação e não poderia entregar algo medíocre. Teria que provar para uma pessoa que eu concluirira o curso sabendo que era capaz de projetar qualquer coisa. Essa pessoa era eu. Enquanto andava por Bologna pensava em meu tema e nunca chegava em uma ideia fechada. Tudo passava em minha cabeça: inúmeros tipos de edifícios de usos diferentes e sempre a casa.

Os dias foram passando e eu me embriagava cada vez mais de informações naquela cidade. Nunca aprendi tanto observando, e a relação entre espaço interno e externo

começou a ficar muito mais clara para mim. Os espaços da cidade se tornaram parte do meu cotidiano e eu havia estabelecido uma relação de intimidade muito grande com cada lugar. Cada experiência me levava a refletir mais, e a vontade de ficar do lado de fora já era infinitamente maior do que a ânsia de ficar em casa.

Saber-se arquiteto tem um poder muito grande: poder realizar a materialização de suas ideias no espaço. Uma boa ideia pode significar muito no cotidiano das pessoas, uma vez que é para elas que os espaços são projetados, e podemos ter a certeza que aquele espaço "materializado" será usado de uma forma imprevista da qual foi idealizado. Assim como acontece na Piazza Maggiore, onde acontecem inúmeros eventos dos mais diferentes tipos graças a apenas 20cm que passam a ser os responsáveis em ajudar a organizar tudo aquilo magicamente.

Compreender esses espaços é fundamental para poder propor um projeto melhor e mais sensível ao olhar do pedestre que o consome, portanto a arquitetura não está apenas garantida pela sua tradução em desenhos técnicos ou diagramas, isso são apenas formas de representá-la. Na verdade, ela nasce nas escolhas mentais do ser arquiteto, através de suas percepções sensíveis identificadas nos espaços ricos de possibilidades de usos que ele cria, e é no momento em que as pessoas o usam que os espaços arquitetados se tornam propriamente arquitetura.

Referências

- CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010. p.24-28
- CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Folha de S.Paulo: Cia das Letras, 2003.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008. p. 8-36
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Espaços Comunicantes**. São Paulo: Annablume Editora, 2007. p. 6-37
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Leituras sem Palavras**. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 5-21
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Viagem à Itália: 1776-1788**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 121-131
- TUTTLE, Richard J. **Piazza Maggiore**. Veneza: Marsilio Editori, 2001.
- ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.
- O CARTEIRO E O POETA** – Direção: Michael Radford. Itália: Co-produção ítalo-francesa Cecchi Gori Group Tiger Cinematográfica, 1994. DVD (109 minutos)

Recebido em 20/02/15 e Aceito em 27/05/15.